

## MEMÓRIA ANCESTRAL: A COMUNICAÇÃO DO CORPO INCORPORADO POR ENTIDADES DA UMBANDA<sup>1</sup>

Maurílio Mendonça de Avellar Gomes  
Mestrando do curso de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades  
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES  
E-mail: [maulgom@gmail.com](mailto:maulgom@gmail.com)

Orientador: Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Erly Vieira Júnior  
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES  
E-mail: [erlyvieirajr@hotmail.com](mailto:erlyvieirajr@hotmail.com)

### RESUMO

Este artigo traz um recorte das discussões teóricas e metodológicas apresentadas na qualificação da dissertação “Arreda homem que aí vem mulher: a comunicação na encruzilhada entre gênero e memória nas performances ancestrais de entidades da Umbanda”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades, da Ufes. A pesquisa se propõe a estudar questões de corpo e performance, encruzilhadas a gênero e sexualidade, a partir de um olhar sobre a ancestralidade, tendo como objeto principal a experiência da incorporação de entidades ancestrais na Umbanda, em especial quando ocorre a “coexistência” de gêneros, com homens incorporando entidades que se manifestam com movimentos lidos socialmente como femininos. Para tal, defendemos a realização de entrevistas abertas semiestruturadas, para buscar junto aos umbandistas o que fica armazenado e registrado em seus corpos após esses fenômenos; além de analisar imagens de vídeos no *YouTube* que contribuam para a criação de categorias para melhor compreender as mensagens que esses corpos transmitem, com gestos e movimentos.

**Palavras-chave:** Corpo. Performance. Umbanda. Ancestralidade. Gênero.

### INTRODUÇÃO

Um fato: não há incorporação na Umbanda sem um corpo. Para que ocorra a presença da entidade ancestral é preciso que haja o corpo. Ou seja, a Umbanda depende do corpo. É pelo corpo que o ancestral se comunica e por ele se manifesta. Ou seja, “(...) uma cultura em que o transe, também denominado ‘incorporação’ e presente em certas práticas rituais religiosas, transforma o corpo num meio para a manifestação divina” (AMARAL; DRAVET, 2019, p.138). E não somente como um meio. O corpo também como arquivo.

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Um corpo que ganha novas formas, multiplica-se na performance de outros corpos possíveis, e que ao manifestarem essas performatividades tornam-se meios de comunicação. Desse modo, entendemos que a dimensão do corpo é essencial para pensarmos os processos comunicativos dentro da Umbanda:

(...) mesmo porque o corpo enquanto instrumento biológico, na ação de comunicar-se, está “antes e depois da máquina” (MENEZES, 2004, p. 28), bem como indica Baitello Jr. (1998, p. 12) “a instância ‘corpo’ é fundante para o processo comunicativo”, é ele que se consagra gerador de vínculos e de relações solidárias de igualdade, de partilha do tempo e do espaço, de modo que não é possível a nulidade desse organismo, pois há a existência de um elo simbólico ou material comungando com a base prima para a comunicação, que é o corpo. (PROSS, 1971; apud BAITELLO Jr., 2001, p.84)

Nessa religiosidade afro-diaspórica, a Umbanda, a relação com o corpo está desde a necessidade que o/a umbandista tem de se concentrar para conseguir se comunicar com a entidade que virá a se manifestar; até todas as práticas que garantem a permanência e a resistência das giras<sup>2</sup>, preservadas até hoje via tradição, memória, oralidade e corporeidade, com o corpo sendo, ainda, o meio comunicador nesse espaço.

Cada entidade ancestral que se apresenta traz trejeitos próprios, seja no caminhar ou no olhar, seja ao se movimentar ou ao falar. E cada terreiro atua de uma forma, não havendo um consenso nas “regras”, geralmente estabelecidas pela entidade ancestral responsável pelo espaço. Há terreiros, por exemplo, em que não há restrição para que tipo de entidade ancestral o/a umbandista poderá ou não incorporar. Independentemente do gênero ou do sexo da pessoa, esta poderá incorporar ancestrais que se apresentem durante a manifestação tanto do sexo masculino quanto do feminino. São variações múltiplas em um único corpo. Tantas possibilidades que a Umbanda torna-se um universo fértil para os estudos da comunicação. Em especial quando se referem às questões de gênero, sendo cenário ainda mais frutífero justamente por subverterem as compreensões já enraizadas na sociedade.

Compreendendo, então, que é possível um corpo visto socialmente como masculino ser incorporado por uma entidade ancestral que se manifesta com movimentos e gestos que são classificados pela sociedade como sendo femininos, e vice-versa, como podemos identificar a comunicação desse corpo nessa “coexistência” de gêneros presente em determinadas manifestações de entidades ancestrais da Umbanda? Qual mensagem (ou quais

---

<sup>2</sup> Gira é o nome dado ao culto que acontece na Umbanda.

mensagens) o corpo incorporado transmite por meio da encruzilhada de gêneros? E qual mensagem (ou quais mensagens) esse corpo incorporado compreende, arquiva ou transforma durante as performatividades dessa encruzilhada?

Essas questões mexem com o meu corpo e, de certa forma, me levam a provocar outros olhares sobre os impactos de um pensamento social vigente e heteronormativo, presente em diferentes espaços sociais. Os desafios tornam-se maiores, em especial pelas experiências que também me atingem, mas que ajudam a fortalecer os desejos de buscar refletir sobre impactos culturais e sociais que umbandistas avaliam sofrer com esse corpo incorporado. Questões que podem ser de interesse da comunicação, em especial diante dos estudos culturais, nas discussões de corpo e de gênero. E que foram apresentadas na qualificação da dissertação de mestrado “Arreda homem que aí vem mulher: a comunicação na encruzilhada entre gênero e memória nas performances ancestrais de entidades da Umbanda”, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades, da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Para este artigo, trazemos um recorte das discussões teóricas e metodológicas.

## **DESENVOLVIMENTO**

Nas giras, a comunicação acontece durante todo ato, em especial a comunicação que é produzida pelo corpo do/da umbandista. Na incorporação surge a manifestação da entidade ancestral, assumindo corpo e formas, dando “vida” ao espírito em gestos e posturas, no movimento corporal estabelecido durante a manifestação e, também, ao caminhar... E esse corpo pode ser lido tanto dentro quanto fora da gira. Corpo que é territorializado e desterritorializado. Territorializado ao se encontrar em espaço ancestral, no terreiro, preparado para a incorporação; e desterritorializado ao concluir suas experiências ancestrais e retornar aos demais espaços que pode ocupar. Ou, ainda, reterritorializado a cada nova incorporação de entidade ancestral, sendo desterritorializado a cada conclusão dessa manifestação; ação que pode se repetir mais de uma vez por gira. A cada entidade incorporada, novas territorializações, reterritorializações e desterritorializações acontecem, estabelecidas a partir da experiência com a encruzilhada ancestral presente no próprio corpo.

Dentro da Umbanda, todo processo comunicativo começa e termina no corpo. Não importa quais ou quantos suportes de mídia sejam usados, ou venham a ser criados, é a partir do corpo e com o corpo que a comunicação acontece. É a partir dele e com ele que somos

capazes de “vivenciar as experiências necessárias à materialidade do processo existencial e comunicacional” (PENNA, 2018, p.83). No caso da Umbanda, sem corpo não há comunicação. Corpo que assume, também, o papel de mídia; que permite e apresenta a manifestação ao território sagrado do terreiro.

Estar com o corpo presente no terreiro é compreender que esse corpo deixou de ser apenas seu; o que não significa que ele passou a ser de outro. É um corpo que também é terreiro. Ou seja, um corpo que passa a ser multidão, capaz de assumir muitas formas e de se comunicar por meio de diferentes performatividades – entendendo performatividade como ação inerente ao corpo, que se faz presente na simples presença e existência desse corpo, seja qual for o território.

Essa corporeidade se mantém em constante mudança. Como já foi dito, é no corpo transformado do/da umbandista que é possível enxergar a manifestação da incorporação. A comunicação é visível por meio da performance da entidade ancestral no corpo incorporado do/da umbandista. E esse corpo torna-se o foco central da comunicação, a mídia principal desse diálogo ancestral, um “território onde se entrecruzam elementos físicos e míticos e se erigem fronteiras e defesas” (SODRÉ, 2014, p. 16). Fronteiras que, pelo corpo, assumem unidade e permitem que, em um mesmo espaço, as “fronteiras da carne” sejam interligadas com a “totalidade comunitária e cósmica” (Ibidem) a qual se está atrelado.

Assim como esse corpo pode ser um “território de muitos lugares” (SODRÉ, 2019, p.7), respeitando a visão nagô apontada por Sodré, ele também pode ser visto como um símbolo dessas religiosidades afro-diaspóricas, visto que é por ele e com ele que se permite a comunicação entre – o que pode ser avaliado por alguns como sendo – o sagrado e o profano. Um ponto central de dois caminhos, que se encontram e se cruzam diante do transe. Um corpo que é espaço da encruzilhada com a ancestralidade, e que pode ser identificado como um corpo-território (MIRANDA, 2020), espaço sagrado de comunicação entre vida e morte e território da performatividade ancestral; e, ainda, como um corpo-encruzilhada (RAMOS, 2017; 2019), que permite o encontro da ancestralidade com o gênero, do passado com o presente, uma encruzilhada de possibilidades.

Nessa comunicação do corpo-encruzilhada, que também é corpo-território, há uma comunicação feita em esquinas, encruzilhando terreiro e corpo, corpo e gênero, gênero e terreiro. Encruzilhada é o encontro de cruzamentos, de caminhos possíveis. Na Umbanda, quem comanda esse território é Exu. Este Orixá, assim consagrado no Candomblé e

referenciado na Umbanda enquanto ancestral – ao lado do povo da rua<sup>3</sup> – é quem “come” primeiro. Para Luis Rufino (2019; 2018) e Luiz Simas (2018), Exu é o ato criativo dentro da cosmovisão africana, em especial no pensamento Nagô, de povos Iorubás, sendo o mensageiro, aquele que permite a comunicação entre vivos e mortos; e, ainda, o Orixá que também comanda as encruzilhadas, os caminhos e o movimento, inclusive o movimento dos corpos. “Come” primeiro porque o ebó<sup>4</sup> deixado nas encruzilhadas é servido, antes, a Exu. É por ele que a mensagem será transmitida e o caminho aberto para novas possibilidades de movimentação do corpo em vida.

É Rufino (2019), ainda, quem identifica a encruzilhada como um espaço de conexão entre o que existiu em África e o que esses saberes se transformaram, por meio da diáspora africana, na América. Ou seja, como esses conhecimentos foram traduzidos e/ou ressignificados em novo espaço territorial, pós-atlântico, para permitir que a comunicação com a ancestralidade não fosse perdida. Uma reterritorialização de saberes cosmogônicos. Uma encruzilhada estabelecida culturalmente, agora em corpos diaspóricos, e estabelecidos por meio de um paradigma civilizatório (SODRÉ, 2014, p. 15).

Esse corpo que é encruzilhada ainda é um corpo arquivo, que registra e armazena conhecimento; ou seja, um corpo memória. Dentro desse processo diaspórico das manifestações das entidades ancestrais da Umbanda, o corpo é consagrado enquanto lugar de memória (MARTINS, 1995), em performances da oralitura (MARTINS, 2003), com a memória sendo escrita e comunicada pelo corpo, servindo-se enquanto mídia de conexão entre passado e presente, entre morte e vida, entre natureza e cultura (SODRÉ, 2020). Uma encruzilhada materializada por meio da cosmovisão africana, em que o corpo ainda é território de resistência e de manutenção de uma memória corpórea e não linear, mas cíclica, e que por séculos foi silenciada, mas não apagada.

Sendo esse corpo resistência, é fundamental compreender quais métodos podem ser adotados para respeitar essa memória diaspórica e ainda contribuir para que essa comunicação corpórea seja peça fundamental dentro das análises da pesquisa. Principalmente quando se interessa analisar quais sentidos e sensações esses corpos comunicadores têm das mensagens

---

<sup>3</sup> Povo da rua é uma das expressões usadas por umbandistas para identificar Exus, Pombagiras, Malandros, Marinheiros e outras entidades ancestrais da Umbanda, que ainda são classificadas como sendo da linha de esquerda. São espíritos que mantêm uma conexão mais próxima da vida material, dos cotidianos e hábitos comuns a quem está vivo (encarnado).

<sup>4</sup> Ebó é o nome dado às oferendas, ofertas ou trabalhos (o nome de identificação muda conforme o terreiro e suas regras) que serão entregues (despachados, ofertados, oferecidos) nas encruzilhadas.

que eles mesmos emitem e arquivam quando estão incorporados por entidades ancestrais que se apresentam com movimentos, gestos e posturas que os classificam socialmente como sendo de um gênero oposto ao deles.

## METODOLOGIA

Nossa pesquisa traz elementos de caráter fenomenológico. Pretendemos, assim, analisar a comunicação dos corpos incorporados por entidades ancestrais que se manifestam na Umbanda, em especial quando ocorre o cruzamento de gêneros durante a incorporação. Adotaremos o corpo como um meio através do qual o ser humano passa a habitar e a perceber o mundo. Considerando que o corpo é, ainda, “o veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles” (MERLEU-PONTY, apud COSTA, 2015, p. 269). Dessa forma, veremos o corpo enquanto matéria atuante, que “age e explora o mundo e suas aparências” (COSTA, 2015, p. 271), por meio de uma “intencionalidade motora que antecipa e forma sua condição de agente a partir de suas experiências corporais” (Ibidem).

A princípio, a metodologia adotada para a pesquisa prevê, além da pesquisa bibliográfica, a aplicação de um questionário e de entrevistas abertas semiestruturadas, além da análise de imagens. A primeira parte, o questionário, contém perguntas fechadas e foi elaborado e realizado com ajuda de uma plataforma online (*Google Formulário*). O questionário ficou disponível durante os meses de agosto e setembro de 2020, sendo divulgado em grupos de umbandistas, no aplicativo *WhatsApp*, assim como na página do *Facebook* Umbanda Capixaba. Foram colhidas 193 respostas, para um total de 28 perguntas. Além do sexo e do gênero dos/das respondentes, também buscou-se saber quais terreiros frequentavam e o período em que estão na Umbanda; além da idade, cor/raça/etnia e sexualidade. O foco principal estava nas questões referentes às experiências pessoais e individuais de incorporação, buscando saber quais entidades se manifestaram em cada um.

Os dados coletados no questionário reforçaram a necessidade de se buscar mais informações sobre a experiência da “coexistência” de gênero daqueles/as que confirmaram ter incorporado alguma entidade ancestral que se apresentava com um gênero oposto. Em especial devido às devolutivas que foram dadas última questão, que permitia uma resposta aberta e traz a seguinte pergunta: “Caso não incorpore, no terreiro que frequenta, entidades

que se manifestam com o sexo oposto ao seu, saberia dizer qual seria o motivo para não ocorrer essas incorporações?”.

As respostas colhidas contribuirão diretamente para a confirmação da necessidade de realizar entrevistas abertas semiestruturadas. O foco maior será nas experiências individuais das incorporações onde ocorram a “coexistência” de gêneros. A previsão é de entrevistar, pelo menos, oito (08) umbandistas, todos homens. Será considerada, também, a sexualidade dessas pessoas; buscando averiguar se há diferença na forma como heterossexuais, homossexuais e bissexuais (por exemplo) se relacionam com suas entidades durante a incorporação.

Ao abrir o diálogo para as sensações e os sentimentos dos entrevistados, damos atenção ao fenômeno e à relação estabelecida entre o corpo e a comunicação apresentada por esse corpo incorporado a partir da presença das entidades ancestrais e do diálogo que essas entidades estabelecem com umbandistas. Uma relação construída em outro tempo, no tempo da macumba; e em outro espaço, no espaço diaspórico.

Mas além de ouvir o que esses umbandistas têm a dizer, será importante, também, olhar para esses corpos. São os sentidos que vão nos guiar nessa análise comunicacional do corpo incorporado, com olhos e ouvidos trabalhando juntos. Para tal, optamos por selecionar ao menos dois vídeos que estão disponíveis no *YouTube* e que apresentam o momento de incorporação de alguma entidade ancestral, em especial nos casos onde haja a “coexistência” de gêneros entre umbandista e entidade, para que seja possível analisar as características e os elementos que apontam como esse corpo transmite essa performatividade ancestral.

Nossa análise, em cima desses vídeos, não será filmica. O que nos importa nesses materiais, disponíveis e públicos, são os seus usos como registro audiovisual das experiências que nos interessam para a pesquisa. Será analisando os gestos e os movimentos desses corpos incorporados, apresentados por esses vídeos, que vamos conseguir identificar as possíveis situações a serem investigadas junto com os entrevistados. Esses vídeos nos ajudarão a elaborar as categorias de análise que serão usadas para estudar essas performances ancestrais de “coexistência” de gêneros, específicas da incorporação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nosso olhar, para o andamento desta pesquisa, será multidirecional. Olharemos para cima e para baixo, para os lados, para dentro e para fora. Mas também vamos ouvir, buscar

compreender essa relação sensível e pessoal, possivelmente intransferível e que cada umbandista estabelece com suas entidades. Nós vamos olhar e ouvir o corpo com os olhos e os ouvidos de quem enxerga e ouve nele a capacidade de armazenar conhecimentos ancestrais, de modo a atentar para particularidades de nosso objeto de pesquisa e que usualmente passam despercebidas pelos usuais referenciais teóricos e metodológicos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, L. S.; DRAVET, M.. Antopofagia e estética corporal na cultura brasileira: dos cultos às performances afro-indígenas-brasileiras. In: CAMARGO, H. W. (Org.). **Umbanda, Cultura e Comunicação: olhares e encruzilhadas**. Curitiba: Syntagma Editores, 2019, 350 p.

BAITELLO JR., Norval. **O tempo lento e o espaço nulo: Mídia primária, secundária e terciária**. Org.: FAUSTO NETO, Antônio et al. Interação e sentidos no ciberespaço e na sociedade. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001.

COSTA, Sâmara Araújo. **O corpo como ser no mundo na Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty**. Belo Horizonte: Pensar - Revista Eletrônica, v. 6, n. 2, p. 267-279, 2015.

MARTINS, Leda. **Afrografias da Memória**. São Paulo: Editora Perspectiva, 194 p., 1995.

\_\_\_\_\_. **Performance da oralitura: corpo, lugar da memória**. Santa Maria: Revista Língua e Literatura, n. 26, p. 63-81, 2003.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. **Corpo-território & Educação Decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência**. Salvador: EDUFBA, 2020, 207 p.

PENNA, T. S. **Ecologia da Comunicação na religiosidade: um estudo sobre os processos comunicacionais na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Paulista, São Paulo, 2018.

RAMOS, Jarbas Siqueira. **O Corpo-Encruzilhada como Experiência Performativa no Ritual Congadeiro**. Porto Alegre: Rev. Bras. Estud. Presença, v. 7, n. 2, p. 296-315, maio/ago 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/2237-266066605>>. Acesso em: 31 out. 2020.

\_\_\_\_\_. **Desvelando o corpo-encruzilhada: reflexões sobre a encruzilhada como espaço de interseção**. São Paulo: Anais ABRACE, v. 20, n. 1, 2019. Disponível em: <<https://www.publonline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/4470>>. Acesso em: 27 out. 2020.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SIMAS, Luiz. A.; RUFINO, Luiz. **A ciência encantada das macumbas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2018.

SODRÉ, Muniz. Cultura, corpo e afeto. **Dança**. Salvador: UFBA, v. 3, n. 1, jan-jul 2014, pp.10-20.

\_\_\_\_\_. **Do lugar de fala ao corpo como lugar de diálogo: raça e etnicidade numa perspectiva comunicacional**. Rio de Janeiro: Reciiis, out-dez 2019, p. 1-11. Disponível em <<https://www.reciis.icict.fiocruz.br>>. Acesso em: 15 set 2020.

\_\_\_\_\_. **Pensar nagô**. Petrópolis: Editora Vozes, ed. 3, 2020.